

EXPRESSO / ESPECTADOR - 22 de Julho de 2000

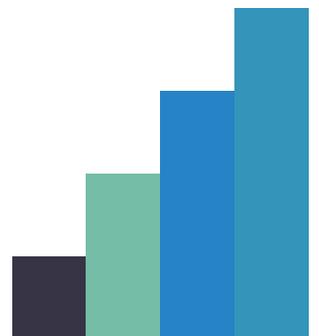
MAFALDA VILHENA

Parafraseando o poeta: as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental. E beleza não falta a esta actriz já com meia dúzia de anos de presença nos palcos e na televisão. Podia ter sido jornalista. Pelo menos era para isso que apontava a área do Secundário que escolhera. Mas no 12º ano deparou-se-lhe um problema: **«Tempo a mais. Eram apenas três disciplinas...»**. Resolveu, então, inscrever-se no Curso de Formação de Actores do IFICT, enquanto frequentava o 12º ano à noite. No Verão de 1992, quando as portas da Universidade se lhe podiam abrir, Mafalda Vilhena já decidira outra via: ser actriz. E foi para o Conservatório, onde se diplomaria três anos volvidos. Com mérito, porque logo de seguida é escolhida para ser bolseira durante um ano no Teatro Nacional.

Nos palcos, houve já quem lhe notasse o brilho, em particular em «Dá Raiva Olhar para Trás» de Osborne, em 1996, na Companhia Teatral do Chiado. Mas foi preciso esperar por 2000, pelo texto de Moita Flores e pela SIC para que Mafalda Vilhena nos entrasse olhos dentro: a Tina de «Capitão Roby» firma-a com uma das jovens actrizes mais sólidas deste tempo.

Acedeu ao papel pela via do «casting»: **«telefonaram-me da NBP, mandaram-me os textos, prestei provas, fiz três cenas, escolheram-me»**. Nada de mais simples, ou de mais complicado, que o acesso ao primeiro plano pode demorar muito ou nunca acontecer. A reacção pública tem sido cordial: **«Ao princípio pensei que podia ter alguns problemas, sobretudo pela bissexualidade da personagem, mas não...»**. Ao mesmo tempo está a fazer, na TVI, a Joana de «Crianças SOS» - papel a que chegou já por convite. São duas mulheres curiosamente similares no temperamento, determinadas e assumidas, com nervo. **«Mas têm temperaturas diferentes. A Tina é uma mulher quente. O que a move a drª Joana, é um nervo frio»**.

Mafalda Vilhena percebe a Tina? **«É muito complicada. Percebo-a uns 40%, os outros 60% não consigo dominá-los. Os padrões dela não são normais. Há nela uma incoerência que eu só consigo transmitir porque me deixo perder dentro do texto. E tem a enorme riqueza de ser um personagem sem evolução, alguém que não muda, e que mantém uma ambiguidade constante»**. Face à Tina perguntamos 'quem é esta mulher?', o Roby de Vítor Norte é infinitamente mais fácil de ler. É um vilão que não engana ninguém, tem os cordéis à mostra, está-se mesmo a ver qual é o seu 'negócio' - e por isso nos espantamos de ver que há quem lhe caia nos laços. A Tina transporta cambiantes muitíssimo mais subtis. Desde o princípio que a sabemos aliada de Roby, elemento do mal na economia dramática da série, mas talvez porque na primeira situação em que a encaramos a vemos dotada de lucidez e - surpresa? - de princípios (quando aconselha Mena/Anabela Teixeira a afastar-se de Roby), a sua perversidade se pinte de tonalidades abissais que nos conseguem sempre ir surpreendendo. **«Foi isso que me apaixonou na personagem»**. E percebeu que ia resultar bem a meio das gravações. **«Foi quando me comecei a perder e a Tina começou a agir sozinha. Quando trabalhar os textos já não era decorar, era incorporar na linguagem de alguém que existia. Nesse**



momento a actriz Mafalda Vilhena tinha resolvido a personagem - ela podia ter uma autonomia própria. Claro que isso é fruto de cálculo, trabalho, definição. Mas, depois, é deixá-la ir. Por exemplo, houve cenas, sem improviso, sempre seguindo o texto, em que o próprio realizador ficava a ver o que nós fazíamos, fechados de cenas que, naturalmente, eu e o Vítor Norte dávamos e o realizador deixava as câmaras rolar para ver o que acontecia. Isso dá um imenso prazer. **Interpretar a Tina foi um presente que me deram».**

Prepará-la foi desgastante, todavia necessário: **«Como a Tina é várias mulheres, fui observar mulheres muito diferentes, em acção, das empregadas de um escritório às prostitutas de Monsanto. E estudei os textos em diversas situações, num dia a lavar a loiça, de chinelos, no outro de vestido de noite. Foi nessa busca que descobri que a Tina podia ser o que quisesse. Ela inventa histórias para que as coisas aconteçam. É uma personagem de adrenalina».** Uma predadora? **«Um pouco. Mas, acima de tudo, uma sobrevivente».**

Enquanto a SIC e a TVI nos fazem chegar Mafalda Vilhena duas vezes por semana a casa, a actriz anda entre Lisboa e a Beira, onde estão a decorrer as gravações de «A Febre do Ouro Negro», série sobre o frenesim do volfrâmio, nos anos 40, anunciada para a nova temporada da RTP 1. Aos 27 anos, ela não sonha ir para a América e ganhar Óscares, é uma comedianta que apenas pede à vida novos e diferentes desafios. Mas guarda uma utopia: **«Há um papel que eu adoraria fazer, mas provavelmente nunca farei, porque é um papel para um homem: o Ricardo III».** Um personagem masculino, feio por fora e de alma negra? Já se viu acontecerem coisas mais improváveis...

Jorge Leitão Ramos